

ESPAÇOS DE TRANSMISSÃO INTERCULTURAL EM *A OCUPAÇÃO*, DE JULIÁN FUKS

Luciano Martins da Conceição¹

José Elias Pinheiro Neto²

RESUMO: Neste artigo são discutidos alguns aspectos do romance *A ocupação* (2019), de Julián Fuks, tomando como aporte teórico a crítica bachelardiana na obra *A poética do espaço* (1978). Parte-se da leitura da obra *corpus*, considerando um de seus principais focos narrativos, no que diz respeito às experiências vivenciadas pelo narrador, Sebastián, durante sua ocupação no antigo hotel Cambridge, na cidade de São Paulo. Busca-se compreender a partir de seus relatos o processo de transmissão intercultural entre os ocupantes, moradores e o coletivo de representantes sociais que lutam pelo direito de moradia. Nesse sentido, um diálogo é criado entre os elementos externos e o internos da casa bachelardiana, pensando o Cambridge como este espaço de moradia, ocupado por diversas línguas e histórias de resistência. Na utilização de metodologia bibliográfica, fundamentados pela teoria fenomenológica de Gaston Bachelard, propomos esta análise na intenção de somá-la aos estudos científicos da crítica literária. Certos de que os resultados aqui obtidos contribuirão de maneira significativa para estudos de literatura contemporânea.

Palavras-chave: A ocupação; Fuks; Bachelard; Interculturalidade.

INTERCULTURAL TRANSMISSION SPACES IN *A OCUPAÇÃO*, BY JULIÁN FUKS

ABSTRACT: This paper discusses some aspects of the novel *A Ocupação* (2019), by Julián Fuks, taking as theoretical support the bachelardian criticism in the study *A poética do espaço* (1978). It starts from the reading of the corpus work, considering one of its main narratives focuses, regarding the experiences lived by the narrator, Sebastián, during his occupation in the former Cambridge hotel, in the city of São Paulo. It seeks to understand from his accounts the process of intercultural transmission between the occupants, residents and the collective of social representatives who fight for the right to housing. In this sense, a dialogue is created between the external and internal elements of the bachelardian house, thinking of Cambridge as this housing space, occupied by several languages and resistance stories. Using the bibliographical methodology, based on Gaston Bachelard's phenomenological theory, we propose this analysis to add it to the scientific studies of literary criticism. The results obtained here are designed to make a significant contribution to contemporary literary studies.

Keywords: A Ocupação; Fuks; Bachelard; Interculturality.

¹ Licenciado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2019), Mestrando em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). E-mail: luccxis@gmail.com

² Professor na Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina (POSLLI). Doutor em Ciências Humanas Universidade de São Paulo (USP/FFLCH). Membro dos grupos de pesquisa: Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), Geografia, literatura e arte (GEOLITEART) <https://orcid.org/0000-0001-9574-6451> E-mail: joseeliaspinheiro@gmail.com

“A obra exige do escritor que ele perca toda a ‘natureza’, todo o caráter, e que, ao deixar de relacionar-se com os outros e consigo mesmo pela decisão que o faz “eu”, converta-se no lugar vazio onde se anuncia a afirmação impessoal.”

(Maurice Blanchot)

Considerações iniciais

Autor de narrativas literárias, ensaios, críticas e colunas jornalísticas, Julián Fuks promove com o lançamento de seu terceiro romance, *A ocupação* (2019), importantes discussões acerca de uma escrita marcadamente autorreflexiva e intimista. Nessa obra, além dos conhecidos artifícios metaficcionalis já utilizados nos dois romances anteriores, *Procura do romance* (2011) e *A resistência* (2015), o autor busca, por meio da alteridade, o olhar e a sensibilidade do outro, elementos significativos não só para o seu projeto literário, como também para testemunhar histórias de resistência tão marcantes quanto a sua própria. Ao criar uma espécie de relato romanceado, Sebastián, narrador-autor, *alter ego* de Fuks, narra suas percepções partindo de experiências, memórias, reflexões, que possibilitam a nós leitores imergir no universo ficcional e autorreflexivo de *A ocupação*.

Sebastián, obstinado com o novo projeto literário, novamente revela aos leitores seu processo de criação ficcional, narra momentos em que viveu ao lado de pessoas em “ruínas”, como repetidamente lemos no decorrer da obra. Nela, é possível perceber três vias principais de análise da narrativa: o corpo debilitado do pai, ocupado por tantas memórias traumáticas, retratado por diversas vezes no leito de um espaço hospitalar, se aproximando cada vez mais do fim da vida; a expectativa da paternidade e os desequilíbrios conjugais, afetados por este novo ser que passa a ocupar seus pensamento, vidas e torna-se parte de suas histórias; e, sua experiência com as histórias de vida dos moradores do antigo Hotel Cambridge, situado no centro da cidade de São Paulo. Relatos de vidas ocupadas pela saudade do país de origem, de famílias separadas por desastres ambientais, de pessoas que não tinham onde morar e que encontraram ali, naquele espaço intercultural, um lar. Para este trabalho, nos deteremos sobretudo nessa terceira via de reflexão, compreendendo o antigo hotel como um espaço de transmissão intercultural.

Ao considerarmos a teoria literária de Gaston Bachelard, em *A poética do espaço*, publicada pela primeira vez em 1957, como principal viés de análise do *corpus* deste trabalho, buscamos discutir as relações internas e externas do narrador com o espaço ocupado por diversas culturas no antigo Hotel Cambridge. Segundo o teórico, a dialética do aqui e do lá desperta leituras de si e do outro, em que o interior humano abriga inúmeras analogias possíveis com o seu externo. Sob tal perspectiva, o autor ainda problematiza:

Onde está a força superior do ‘ser-lá’, no ‘ser’ ou no ‘lá’? No ‘lá’ - que seria melhor chamar de um ‘aqui’ - é necessário em primeira instância procurar meu ser? Ou antes, no meu ser, vou encontrar em primeiro lugar a certeza da minha fixação num lá? De qualquer maneira, um termo sempre enfraquece o outro”. (1978, p. 336).

A reflexão sobre si a partir do olhar outro possibilita vivenciar experiências externas, e a partir delas, se enxergar como um ser transmissivo, dotado de uma identidade compartilhada pelo diálogo, pelo afeto e pela convivência. Para Bachelard, esse questionamento sobre o que é interno e externo ao homem demonstra a inconsistência do ser nele mesmo, a necessidade de ser ocupado por outras visões de mundo, costumes diferentes dos seus, histórias diferentes das suas, estando, de certa forma, “preso ao exterior” (Ibid., p. 337).

Em *A poética do espaço*, o autor dispõe dez capítulos nomeados de acordo com respectivos espaços físicos de habitação, tais como a casa e seus cômodos, o ninho, a concha, os cantos, entre outras caracterizações do que estariam no externo e no interno do ser e das coisas. Dessa maneira, ao se ler a obra de Fuks pelo viés bachelardiano, deparara-se com a representação de um espaço habitacional, o antigo Hotel Cambridge, que reorganiza culturalmente todo um grupo remanescente. Isso desencadeia uma série de questões relevantes à concepção do outro enquanto espaço em constante ocupação. A partir da leitura dos capítulos da obra, sobretudo o penúltimo, “A dialética do exterior e do interior”, discutiremos os espaços visitados pelo narrador de *A ocupação*, de Julián Fuks.

Esta pesquisa está dividida em dois momentos. No primeiro, são discutidos pontos referentes a chegada de Sebastián no antigo Hotel Cambridge, suas primeiras reflexões a respeito das histórias pessoais contadas pelos moradores, angústias e conflitos compartilhados a partir da noção de alteridade. A dialética do externo e interno a todo momento atravessa a obra, o que gera leituras ainda mais profundas sobre a convivência do narrador com os ocupantes do prédio. Nesse sentido, discutimos algumas percepções de Sebastián enquanto adentramos pelos corredores e escadas do Cambridge, atravessando com ele as portas

entreabertas da narrativa que, na leitura bachelardiana, são elementos de travessia da casa humana.

No segundo momento, nos detemos sobre a noção de espaço ocupado por vidas, línguas, costumes distintos, criando um coletivo de transmissão intercultural. Aqui, as discussões partem da ideia de que os habitantes e sua morada se entrelaçam de maneira que se formam um, em marcha e movimento constante. Sebastián, já no seio da ocupação, compreende que aquele espaço se ergue na coletividade, que as histórias individuais de cada morador não lhe mostrarão de fato o propósito da luta e resistência por moradia. Assim, na leitura de Bachelard, a casa e o homem criam uma comunhão de forças, coragem e resistência, nela não encontramos mais um refúgio mas, na verdade, um reduto educador, transmissivo.

As portas entreabertas da narrativa

Os espaços concretos presentes nas narrativas de Julián Fuks sugerem representações insígnias para uma leitura mais profunda dos relatos de seu protagonista. Sebastián, em *A ocupação*, se dirige ao endereço que o colocará de frente com dezenas famílias, pessoas chegadas de diferentes lugares com suas histórias de resistência, de fuga, de luta por moradia. Ao chegar na entrada do antigo hotel, surpreende-se com o que restara dele. Agora, habitado por refugiados de outros países e desabrigados vindos de tantos outros lugares, se tornou um lar temporário para muitos e o sonho de moradia própria para outros.

A sensação de pertencimento ao lugar de origem acompanha a maioria dos seres. Cidades, estados e países natais formam características em seus indivíduos que, quando aglomerados, transmitem entre si seus aspectos culturais. Algo interessante que podemos perceber na narrativa de Fuks, é que o antigo Hotel Cambridge possibilita repensar seu espaço não apenas como abrigo itinerante, mas, principalmente, como a personificação dos próprios moradores que, assim como um hotel, são atravessados por outras pessoas e seus passados. Os moradores carregam consigo costumes, hábitos e linguagens transmitidas coletivamente, criando dessa forma um tipo de aculturação.

A presença de Sebastián naquele lugar não poderia ser vista diferente, era mais um entre muitos que buscavam fuga, refúgio, um espaço no qual poderiam reconfortar seus silêncios. Já no interior do Cambridge, o narrador volta a si não mais como um rascunho sem nome, como em: “A luz excessiva turvava todo rosto alheio, ou era meu rosto que se via turvo, refletido nas vitrines como um borrão anônimo, meu corpo uma mera silhueta” (FUKS, 2019, p. 13), mas

como um ser com identidade. Assim, Sebastián deixa a luz sufocante do exterior e adentra ao universo interno daquele edifício, ao mesmo tempo em que aprofunda os pensamentos em si mesmo.

Em pouco mais de vinte passos o mistério se desfez, cancelado pela solidez do prédio alto, por suas colunas de concreto. Pensei que ninguém abriria a porta pesada, cruzada por uma tranca de ferro, mas um rapaz de expressão neutra me deixou passar sem grande exigência. Numa folha de prancheta anotei meu nome, meu documento, e neste gesto tão simples senti que retornava a mim mesmo: Sebastián, não mais um borrão, não mais um anônimo a vagar por ruas austeras. (Ibid., p. 14).

Este foi o primeiro dia em que chegou ao antigo hotel por convite de um dos moradores. Sebastián começa a perceber que as experiências que ali passaria se enveredariam por caminhos inesperados, além de ouvir histórias na tentativa de torná-las literatura, previa que seu próprio ser passaria por modificações, que as coisas do exterior ofuscavam o que havia no interior, e continua:

Só então, situado em meu corpo, comecei a compreender o espaço que me cercava, aquele reduto de sombras onde meus olhos descansavam do ofuscamento externo. Não existia mais nenhum hotel, e no entanto ali resistia seu saguão imponente, suas paredes cobertas de cal, despidas de todo adereço, seu teto inatingível sobre a minha cabeça. Não existia mais nenhum hotel, e no entanto suas escadas se erguiam degrau a degrau, pedras polidas pela fricção incessante dos dias. Não existia mais nenhum hotel, e no entanto suas portas escondiam uma infinidade de corpos tão firmes quanto o meu, suas portas filtravam vozes quase inaudíveis, vozes que me alcançavam em plena marcha, vozes que me mantinham em movimento. (Ibidem).

As “portas” para Gaston Bachelard são elementos de grande significância por ser aquilo que se abre e revela o interior. Sebastián se utilizará deste meio para adentrar à vida das pessoas com quem conversará durante sua estadia no antigo hotel, as quais proporcionarão a ele a chance de se colocar em seus lugares e vivenciar, ao menos através da escuta, seus dramas e suas memórias. A intimidade do homem está na travessia das portas de sua casa, “a porta é todo um cosmos do entreaberto. Isto é, ao menos uma imagem-príncipe, a origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser no seu âmago” (1978, p. 342). Nesse sentido, Bachelard compreende algumas partes do interior de uma casa como caminhos de acesso a outros ambientes de leitura ainda mais profunda, mais íntima, onde habitam as vontades, os traumas, as memórias e os devaneios da alma. Segundo o autor,

Como tudo se torna concreto no mundo de uma alma quando um objeto, quando uma simples porta, vem dar as imagens da hesitação, da tentação, do desejo, da segurança, da livre acolhida, do respeito! Narrar-se-ia toda uma vida se se fizesse a narrativa de todas as portas que se fecharam, que se abriram, de todas as portas que se gostaria de reabrir. (Ibid., p. 343).

Os dias seguintes de Sebastián se dariam, a partir dali, como uma rica jornada por vidas calejadas, interrompidas por alguma casualidade social, emocional, intelectual ou uma somatória de diversos fatores que levaram essas vidas a ocuparem aquele espaço em ruínas. Durante a leitura, mesmo nos primeiros capítulos, podemos notar o processo reflexivo e angustiante do narrador. A percepção de si e do outro enquanto seres em ruínas, devastados por alguma atrocidade do passado que se fazia tema de suas conversas, indiciam na narrativa seu principal foco: o olhar do outro³.

O convite para uma primeira conversa, no oitavo andar do antigo Hotel Cambridge, veio de Najati, morador do hotel e expatriado sírio que deixara a mulher e filho no seu país de origem, para que não fosse mais um preso político condenado pelo desejo de ser um homem livre. Sebastián buscava acalmar os pensamentos sobre seu papel, sua função naquela empreitada, pondo-se a ouvir o que Najati tinha para falar. A conversa, uma espécie de transmissão de lembranças, nos conduz a refletir a respeito dos sentimentos do outro, suas lutas, perdas, ganhos. Sebastián, enquanto ouvia Najati, se questionava sobre o que aquele homem, ou o que restara dele, esperava de um simples autor que escrevia sobre exílios, e logo pensou, “pela primeira vez, vi que aquele não era um homem, que aquilo não era um homem, era só as suas ruínas.” (FUKS, 2019, p. 17). O narrador começa perceber a escassez das suas palavras, da ínfima vida que trilhava até ali, na abundância memorialística das vidas alheias.

Ainda não entendia bem por que aceitava o segundo convite de Najati, por que me intrometia de novo na degradação do centro, por que tentava camuflar em rubor minha pele branca demais, por que, de que me refugiava naquele hotel inexistente. As vezes que dias antes eu ouvira atrás das portas ganhavam agora rostos visíveis, contornos tangíveis, gestos contundentes. No burburinho que criavam, senti por um momento, parecia cercar e acolher o meu silêncio. (Ibid., pp. 23-24).

³ Inicialmente o título da obra “A ocupação” chamava-se “Os olhos dos outros”, fazendo referência à situação de alteridade determinante para compreensão da narrativa, vindo a modificar-se durante o processo de escrita.

As reflexões de Sebastián propiciam ao leitor se aprofundar no espaço interno do hotel, a investigar incessantemente outros pontos de vista, o lugar do outro e, conseqüentemente, o dele próprio. A dialética do interior e do exterior, segundo Bachelard, frequentemente se faz forte na concentração do espaço íntimo, na revelação do que antes eram murmúrios, ideias, impressões.

Participamos da imagem do escritor graças ao que é preciso chamar de uma *imagem geral*, uma imagem que a participação nos impede de confundir com uma *ideia geral*. Essa imagem geral, nós a singularizamos imediatamente. [...] A palavra não é mais suficiente, a ideia não é mais suficiente, é necessário que o escritor nos ajude a revirar o espaço, a nos separar daquilo que gostaríamos de *descrever* para viver melhor a hierarquia do nosso repouso. (1978, p. 346).

No subir e descer os andar do Cambridge, o narrador encontra outros moradores com quem conversa, escuta histórias como a de Demetrio Paiva, que diz ter nascido em uma pequena vila nos arredores de Cuzco, nos Andes peruanos. Demetrio costurava em seu pequeno quarto quando Sebastián cruzou sua porta, oferece-lhe um café e meio sem saber por onde iniciar começou a falar do seu dia a dia e de como tem vivido até ali.

Escapar tornou-se então seu ofício principal, de Cuzco a Arequipa, de Arequipa a La Paz, e logo às profundezas das alturas de Potosí, a esculpir do barro uns gramas miseráveis de prata. Como só o que lhe rendiam eram mãos ásperas, resolveu descer a Asunción, onde teto e chão agora lhe faltaram. Seguiu a Ciudad del Este, antes que o nome se fizesse assim solar, enquanto era ainda o sombrio Puerto Stroessner, auto-homenagem de um desses típicos tiranos nossos. Escapar de um lado para o outro era agora sua função vital, atravessar a fronteira a cada dia levando debaixo do braço produtos que alguém reputaria falsos, trocando a vida por mercadorias pobres. (FUKS, 2019, p. 63).

Assim como para Demetrio, as trajetórias da vida criam lembranças, angústias, alegrias que compõem nosso caráter enquanto seres atravessados por vivências, histórias de vida guardadas atrás das portas da alma. Quando com o outro nos colocamos, prontos a transmitir parte de nós, abrimos os espaços da nossa casa interna, onde guardamos o que para nós é importante, constituinte, formador. Para Bachelard (1978), as portas dão acesso aos ambientes de intimidade da casa, do espaço habitado por um ser que o transforma no seu próprio cosmos, o homem modifica sua casa ao mesmo tempo que é modificado por ela.

Outro morador que Sebastián conheceu foi Ginia, haitiana que vivenciou um terremoto catastrófico em seu país, perdendo no desastre sua casa e sua filha. Mulher imponente, de voz

firme que transmitia revolta e certa conformidade. Depois de relatar para Sebastián o que a maioria das pessoas pediam para ela, que contasse sobre a tragédia, o instiga a escrever não somente sobre os acontecimentos ruins mas também os de luta e de resistência do seu povo.

Você vai mesmo pôr isso no seu livro? Se for, não pare por aí, fale algo mais sobre o Haiti, não caia na versão do país triste, misticamente maldito. Você conhece a história do Haiti, sabe como se formou o país? Antes que existíssemos, nossa tragédia já foi muito maior, o maior desastre que já se viu, não uma catástrofe natural, mas uma catástrofe humana, o colonialismo. (Ibid., pp. 72-73).

Ao ocupar um lugar entre os moradores do Cambridge, Sebastián passa a absorver histórias como a de Ginia e Demetrio não mais com o olhar de quem está externo aos acontecimentos, mas com o olhar de quem também tem seus desastres pessoais, traumas, histórias interrompidas. Existir naquela coletividade possibilitou a ele ser atravessado por outras vidas, escutar e relatar histórias penetrantes a partir da visão do outro, ser penetrado por elas da mesma forma que ele penetrara em seus lares e vidas. Em outras palavras, assim como o antigo hotel passou a ser ocupado por diversas culturas, costumes, línguas, pessoas de distintas localidades, Sebastián também fora impactado e ocupado pelas narrativas de luta e sobrevivência dos ocupantes do Cambridge. Nesse sentido, compreende-se o hotel e o narrador de *A ocupação*, como espaços transmissivos de cultura e memórias.

Ocupação do Cambridge: espaço de transmissão intercultural

A Frente de Luta por Moradia (FLM) é um coletivo de pessoas sem habitação própria, que em protesto reivindicam seus direitos ocupando edifícios comerciais desativados, largados em ruínas se m uso algum. Diversos outros movimentos sociais se filiaram ao FLM, como a União dos Movimentos de Moradia (UMM) e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), todos buscando um espaço para seu conforto e paz. Cada um desses grupos são formados por dezenas ou até centenas de pessoas vindas de várias partes do Brasil e do mundo. Na narrativa de Julián Fuks, o narrador vivencia com os moradores do Cambridge momentos únicos, conversas e até cumplicidade nas lutas da coletividade. Em uma de suas visitas ao prédio, Sebastián conhece Carmem, uma das líderes do movimento social FLM.

Para Sebastián aquele encontro e conversa com Carmem poderiam provocar mais do que um diálogo categórico, intuía conquistar um pouco mais do seu passado, de como chegou

até ali, representante de tantas vozes, ou algo a mais do que ela vociferava nas assembleias. Contudo, em um dos menores capítulos da obra, Sebastián relata seu breve e impactante momento com Carmem, escuta dela o essencial para continuar seus registros:

Àquela mulher de gestos secos e frases retas, percebi, eu nunca me atreveria a fazer uma pergunta pessoal: para ela, toda exploração da memória devia parecer uma futilidade. Sua história seria um vácuo, uma lacuna que nada poderia sanar, eu já começava a lamentar, mas suas palavras atravessaram o meu lamento e me devolveram à concretude da sala. Sei que você tem conversado com moradores, sei que tem tentado entender quem são, o que fazem, o que os trouxe à ocupação. Faça o que quiser, converse com quem quiser, é a sua liberdade. Mas saiba que é inútil. Se quer entender este lugar, melhor esquecer as trajetórias pessoais, as vidas particulares. Se quer entender este lugar, melhor não perder de vista a coletividade, melhor se juntar a nós na luta. Apareça na festa deste domingo, venha descansado, traga qualquer coisa para comer e algumas peças de roupa. (FUKS, 2019, p. 83).

Viver o coletivo revelaria muito mais daquele lugar do que as histórias individuais de cada morador, o Cambridge era constituído não de culturas distintas mas da mistura de todas elas. Nas assembleias onde eram colocadas em pauta suas reivindicações, nos encontros comunitários e “festas” organizadas pelos movimentos sociais, eram nestes momentos de interação e transmissão que se podia compreender melhor a transformação na vida de seus moradores. Carmem há muito fazia parte daquela imensa família de andarilhos, refugiados, desamparados, em suas veias corria um grito comum e essencial a todos: “quem não luta está morto!” (Ibid, p. 95), frase que em coro revitalizava as paredes abandonadas da cidade.

Outra mulher de personalidade forte e olhos alegres, que Sebastián conheceu em uma das noites de assembleia, foi Preta. Sua infância é marcada pela expulsão do lar, deixada junto com a família e tantas outras ao relento sem nenhuma dignidade, desabrigada pela infâmia promessa de que todo aquele espaço fosse transformado em moradia popular. Segundo Bachelard,

A dignidade da solidão atingida por um ancestral que um grande drama da vida tornou solitário. Deve estar só, só num cosmos que não é o de sua infância. Deve, homem de uma raça terna e feliz, elevar sua coragem, aprender a ser corajoso diante de um cosmos rude, pobre, frio. A casa isolada vem-lhe dar imagens fortes, isto é, conselhos de resistência. (1978, p. 227).

A dialética do interior e do exterior continua a se refletir no desdobrar dos acontecimentos na narrativa de Fuks. Sebastián ao atravessar portas, retirando-se vez ou outra

entre quatro paredes do pequeno apartamento solitário no último andar do prédio, isolando-se no seu próprio interior esvaziado de todo ofuscamento externo, torna-se uma célula viva no interior daquela multidão. Sua identidade, presença, participação, o faziam veículo transmissivo daquelas histórias, ao mesmo tempo que refletia sobre a sua própria. De outras formas, nós leitores que estamos inicialmente externos àquela edificação humana, o Cambridge, somos coagidos por meio da narrativa a adentrar aqueles corredores, subir escadas, e participar dos diálogos de Julián com os ocupantes moradores.

Em Gaston Bachelard, no capítulo “A casa e o universo”, se discute acerca das relações entre o homem, habitado por tantos sentimentos nostálgicos que remetem a um lar, à proteção, à moradia, e os fenômenos naturais externos como a neve e o silêncio absoluto e reflexivo. Os habitantes e sua morada se entrelaçam de maneira que se formam um, em marcha e movimento constante, aliados um ao outro sem qualquer distinção ou preconceito.

Mais também do que uma comunhão de ternura, há aqui uma comunhão de força, concentração de duas coragens, de duas resistências. Que imagem de concentração o fato de ser essa casa que se “aperta” contra seu habitante, tornando-se a célula de um corpo com suas paredes próximas. O refúgio se contraiu. E, muitíssimo protetor, fez-se exteriormente mais forte. De refúgio, fez-se reduto. A choupana se transformou num castelo forte da coragem para o solitário que deve aprender aí a vencer o medo. Tal morada é educadora. (1978, p. 227).

Dessa forma, o teórico nos traz à compreensão de que o habitante de uma casa, de um lar, transmite para ela toda sua ternura, sua retribuição pelo aconchego. Naquele espaço ocupado por uma vida se refletem marcas íntimas, costumes, consciência, experiência, informação, cultura. Um ser que se encontra desabrigado não tem onde guardar suas memórias, não pode construir com seus vizinhos um espaço habitacional harmônico. Nesse espaço somos fortes, austeros, prontos a resistir as intempéries da vida e lutar pelo que é preciso, justo e democrático. Nosso reduto educativo em coletividade.

Em *A ocupação*, o autor consegue mostrar bem o resultado de forças unidas, como moléculas de sangue que correm, marcham, conjuntas nas veias, proporcionando vitalidade a um outro prédio ocupado. A “festa” para a qual Sebastián foi convidado se fazia com uma multidão, cerca de trezentas pessoas encarregadas de ocupar o espaço abandonado de um prédio em ruínas, que trazia consigo outras histórias, outras vidas.

Pouco tínhamos nos afastado do Cambridge quando a marcha se precipitou para um ponto específico, uma porta que se abriu num muro alto, revelando a fachada mais sombria que já existiu. O movimento brusco alterou o humor do momento, rompeu a consonância tênue do coletivo, rompeu a integridade frágil dos corpos. Rápido, rápido, alguém disse, e pernas se apressaram porta adentro. Rápido, insistiu, e olhos já não puderam contemplar aquele edifício lúgubre. Desprovido do coletivo, eu perdi o despudor do plural, só existia em mim mesmo, a ouvir a tensão das vozes, a observar os rostos apreensivos. (FUKS, 2019, p. 96).

O narrador se vê em completa reflexão durante aquelas horas. Dentro do prédio, com as portas trancadas e a bandeira do FLM estuada no cume de suas ruínas, Sebastián divaga em pensamentos e relata aos leitores a sensação de angústia e aversão a si mesmo por não dividir, compartilhar das mesmas dores, dos mesmos medos daquela gente. Contudo, percebe seus próprios dramas, sua própria existência maculada como um testemunho da alteridade.

Naquele imenso lugar, com escombros amontoados, objetos e móveis que registravam um passado em ruínas, mal se enxergavam corredores e escadas obstruídos por entulhos e marcas nas paredes, registros humanos de vidas passadas. No dia seguinte, logo ao amanhecer, Sebastián, que mal havia dormido, se vê surpreendido com Demétrio Paiva varrendo um dos pátios do prédio recém ocupado, sua disposição em ajudar na limpeza do novo lar de muitos era louvável. Assim como muitos dos outros, que estavam ali convencidos de uma causa coletiva, não individual.

Nenhum deles se mudaria para nova ocupação, eu sabia, nenhum deles abandonaria o quarto que lhes cabia no Cambridge, o espaço minguado que distraidamente já chamavam de casa. Aquele era um ato solidário, percebi, um movimento que concebia e preparava a casa dos outros, dos que talvez carecessem da energia necessária. Eu também não abandonaria minha casa, eu me senti enérgico nesse instante, tomando nos braços uma porta oca atirada no chão, contribuindo com a força que me restava. A porta cobria quase toda minha visão enquanto eu descia as escadas, mas eu não me importava, confiava que o degrau estaria lá, ainda que falho, ainda que corroído, confiava no passo seguinte da minha marcha. Eu também não abandonaria minha casa, não abandonaria o filho que não tive, não a abandonaria. (FUKS, 2019, p. 104).

Podemos notar que Sebastián, enquanto narra as percepções que têm sobre a coletividade, paralelamente compreende suas próprias lutas, sua vida fora daquele ambiente, o desejo de paternidade, a esposa amada ocupando seus pensamentos e o pai num leito de hospital. Por mais que Sebastián buscasse vivenciar os acontecimentos internos das ocupações,

das lutas por moradia, no seu o íntimo o externo o acompanharia onde quer que fosse. O coletivo lhe mostrava a imensidão do outro, uma constante construção intercultural.

No romance *A ocupação*, Julián Fuks dá voz a muitas vozes, descreve de maneira expressiva suas percepções, pensamentos, diálogos, constrói a partir do espaço ocupado por vidas a consciência de estar sendo também ocupado por elas. Dessa maneira, os sujeitos em coletividade transmitem uns aos outros suas próprias vivências, histórias, memórias. Acontece, então, o fenômeno da interculturalidade, resultado da aglomeração de diversos sujeitos e culturas diferentes no mesmo espaço, quer seja na sua individualidade, quer seja na coletividade. A obra ainda propicia diversos outros pontos de abordagem crítica, seus três focos narrativos demonstram diferentes pontos de vista para o termo “ocupação”. Contudo, o lugar do outro se mantém comum por toda a narrativa, a alteridade como um veículo de transmissão intercultural.

Considerações finais

Os romances escritos por Julián Fuks são, propositadamente, repletos de recursos da escrita literária intimista, autobiográfica, ficcional. Dessa forma, seu estilo e estratégias tão bem elaboradas, de deixar a nós leitores incomodados com a tensão gerada pela narrativa, vêm conquistando leitores no Brasil e no exterior. Com um enredo que intercala três focos narrativos, configura-os de maneira que a tensão permanece constante, desconcertante por vezes, corrosiva, a ponto de nos vermos como ruínas, das quais o narrador se refere em tantas passagens. Explorar este universo por meio da teoria bachelardiana não poderia ser menos satisfatório e agradável. A obra, *A poética do espaço*, auxilia ricamente na leitura crítica de *A ocupação*, de Julián Fuks, fundamentando observações significativas para o atual momento da literatura contemporânea brasileira.

No *corpus* deste artigo, pudemos analisar diversas vozes, identidades, culturas extraídas de um mesmo ambiente arquitetônico. Além de absorver das inúmeras leituras identificações com os estudos de Gaston Bachelard, toda importante compreensão que chegamos neste estudo se faz possibilidade somatória das características do projeto literário de Fuks, aumentando assim sua fortuna crítica. As observações discutidas aqui pretendem incitar novos estudos a respeito da literatura hoje, seus diversos espaços discursivos, semióticos, fenomenológicos. Facilmente vemos em Sebastián, não apenas nessa obra mas também nas anteriores, um pensador de si e de sua natureza humana, que na solidão de seus devaneios se percebe na

osmótica relação com o outro, com suas histórias, suas memórias, que também se tornam as dele.

A jornada do narrador, relatada de certa forma pelos “olhos dos outros”, mostra uma constante travessia do externo para o interno, através de portas, escadas, cantos, quartos, corredores, e tantas outras imagens discutidas nas obras Bachelard. É recomendável que em novos estudos, que tenham como obra de pesquisa os romances de Fuks, sobre tudo *A ocupação*, sejam discutidos pontos que representam as mutações da sociedade sob o olhar do outro; sob pontos que propaguem a cultura inclusiva das nações, das comunidades; que denunciem injustiças e deem voz ao corpo social formado de muitas vidas, histórias, memórias e resistência.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FUKS, Julián. **A ocupação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.